



**PRODUZINDO CORPOS E PERTENCIMENTOS ÉTNICOS EM UM GRUPO DE  
DANÇA EM ILHÉUS-BA**

Juciara Perminio de Queiroz Souza<sup>1</sup>  
José Valdir Jesus de Santana<sup>2</sup>

**INTRODUÇÃO**

O debate atual sobre as relações étnicas na sociedade brasileira leva em consideração que diferentes grupos étnicos a constitui, mesmo que, ao longo de nosso processo histórico, diferentes mecanismos foram utilizados, por parte do estado brasileiro, no sentido de assimilar essa diversidade étnica ao discurso hegemônico da Nação, como aconteceu com os povos indígenas, quilombolas e com a população afro-brasileira. Todavia, é possível afirmar que, atualmente, (fenômeno que vem se constituindo desde as últimas décadas do século passado) diferentes grupos étnicos em nosso país, principalmente aqueles que sofreram a tentativa de invisibilização durante séculos, a exemplo de coletivos negros e indígenas, têm reafirmado seus pertencimentos étnicos em distintos espaços da sociedade, realçando suas diferenças. Os estudos sobre etnicidade, nesse sentido, têm ganhado importância considerável, influenciados, em grande medida, pela produção teórica de Barth (2000, 2003, 2005), Oliveira (1976), Cunha (2009), dentre outros. Segundo Hofbauer,

Foi o antropólogo norueguês Fredrik Barth (no seu livro “Ethnic groups and boundaries”, 1969) que chamou a atenção para o fato de que não são “diferenças objetivas” que fazem com que os seres humanos criem diferentes “grupos étnicos”. Ele mostrou que são sempre apenas alguns signos, alguns “traços diacríticos” (p.ex. a linguagem, a vestimenta, o uso de penteado específico, ou, ainda, a cor da pele) que são escolhidos como

1 Mestranda em Relações Étnicas e Contemporaneidade pelo Programa de pós-graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade da Universidade estadual do Sudoeste da Bahia - UESB, campus de Jequié - Ba. UESB – Brasil. Endereço eletrônico: uth31.negra@hotmail.com

2 Doutor em Antropologia Social pela Universidade Federal de São Carlos. Professor Adjunto da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (Vitória da Conquista/BA/Brasil) e do Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade da mesma Universidade. Coordena o projeto de pesquisa intitulado “Os processos de Gestão da Educação Escolar entre os povos indígenas Pataxó, Pataxó Hã Hã Hãe e Tupinambá: experiências em construção”. Endereço eletrônico: santanavaldao@yahoo.com.br



“emblemas de diferença”, enquanto outros traços são ignorados. E é por meio desses “emblemas de diferença”, por meio desses signos, que as pessoas constroem, afirmam, frisam e exibem uma “identidade comum”. (HOFBAUER, 2010, p. 54).

Como pensar, então, a produção da etnicidade a partir do modo como o corpo é produzido através da dança? Que signos, que linguagens, que discursos atuam na produção desses corpos? Que pertencimentos étnicos esses corpos evocam? Que identidades são produzidas? O corpo tem sido alvo de diversos estudos e em distintas perspectivas, porém a nossa atenção neste trabalho centra-se no debate antropológico sobre o corpo, como nos tem demonstrado Mauss (2003), Csordas (2008), Le Breton (2011), dentre outros. Segundo Csordas (2008, p. 102), “o corpo não é um objeto a ser estudado em relação a cultura, mas é o sujeito da cultura; em outras palavras, a base existencial da cultura”. Por outro lado, conforme Mauss (2003), o corpo tanto é a ferramenta original com que os humanos moldam o seu mundo, como é a substância original a partir da qual o mundo humano é moldado. O corpo é, portanto, produto da história e da cultura e não somente um “suporte biológico”.

As inscrições produzidas e produtoras do/no corpo atualizam “sentimentos de pertença”, reelaboram subjetividades, especialmente entre grupos que, historicamente, têm ficado à margem da sociedade, através de processos excludentes, de ordem econômica, social e cultural. Diante dos debates atuais envolvendo as relações **étnicas na sociedade brasileira, marcadas por desigualdades sociais, mas também por lutas de resistência étnica e cultural, é que nos propomos, neste trabalho**, investigar: como as adolescentes praticantes de balé clássico e jazz evocam pertencimentos étnicos a partir da produção de seus corpos, em um grupo de dança localizado no bairro Nossa Senhora da Vitória, em Ilhéus-BA<sup>3</sup>? Nisso, constituem objetivos desta pesquisa: identificar as fronteiras que o corpo exprime no balé clássico e no jazz; identificar as linguagens étnicas que o corpo dançante enuncia; investigar quais identidades são elaboradas a partir da dança clássica e do jazz.

## METODOLOGIA

3 Esta pesquisa encontra-se em andamento e deverá constituir-se em dissertação de mestrado junto ao Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia



O presente estudo está sendo desenvolvido na Associação Centro Educacional de Ação Integrada - ACEAI, instituição social, localizada na comunidade Nossa Senhora da Vitória, Km 01 - Rodovia Ilhéus - Buerarema, mais precisamente na região Litorânea Sul, do município de Ilhéus, localidade com aproximadamente 25.000 habitantes, bairro periférico e em condição de vulnerabilidade social e econômica. A escola de dança GEPA<sup>4</sup> atende atualmente aproximadamente 120 crianças, adolescentes e jovens. A pesquisa está sendo desenvolvida com o grupo de adolescentes que dança balé clássico e jazz. A escolha pelo grupo de adolescente leva em consideração a intencionalidade da pesquisa, considerando que as adolescentes, devido a sua idade e desenvolvimento cognitivo, **já possuem uma consciência mais elaborada em relação aos seus pertencimentos étnicos.**

A pesquisa está sendo desenvolvida a partir do método etnográfico (FRANKHAM, MACRAE, 2015) tendo como principal técnica a observação participante e entrevistas temáticas. Empregando o método etnográfico, passei a participar e a frequentar os ensaios de balé clássico e jazz contemporâneo e outras atividades desenvolvidas no projeto pelas colaboradoras da pesquisa a fim de observar nesses espaços de interação a relação corpo, dança e pertencimento étnico, com olhar atento a perceber o significado que as colaboradoras atribuem a forma como produzem seus corpos bem como as identidades que são produzidas nesse contexto, procurando identificar como elas se veem e são vistas pelos outros como dançarinas da periferia. A pesquisa teve início em fevereiro de 2017 e se encontra em andamento.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Se a “etnicidade é a organização social da diferença cultural (BARTH, 2003, p. 21), é no contexto das relações sociais que os processos de etnização são construídos e, portanto, só passam a ter sentido nas relações que os sujeitos estabelecem. Nesse sentido, segundo Schwarcz,

Grupos de cultura articula identidades, e não o contrário. Isto é, discursos identitários são a causa da conformação de um grupo social, e não sua consequência. Grupos constituem identidade e diferença, e aí se localiza

4 GEPA significa Grupo de Evangelização pela Arte. Escola de dança do projeto social Associação Centro Educacional de Ação Integrada – ACEAI.



não só o jogo político, como o uso articulado da cultura e da própria identidade (SCHWARCZ, 2011, p. 34).

No caso do grupo pesquisado fica evidente a dicotomização a partir da ideia de “centro” e “periferia” presente nas interações em espaços externos ao projeto. As fronteiras no campo empírico não são necessariamente fronteiras étnicas, mas podem ser caracterizadas como fronteiras sociais. As fronteiras presentes no campo entre centro e periferia por exemplo podem ser etnicizadas ou não. No caso das colaboradoras quando afirmam pertencer ao local de periferia e atribui a ele um significado e um sentido de estar alí pode ser considerado um processo de etnização desse local, visto que compartilham um sentimento comum em pertencer e se identificar com o local onde residem. As fronteiras étnicas de acordo com Barth “canaliza a vida social. Ela implica uma organização, na maior parte das vezes bastante complexa, do comportamento e das relações sociais” (BARTH, 2000, p. 34). Nesse sentido, compreendemos que a noção de fronteira étnica se aplica de alguma forma ao contexto do grupo estudado, uma vez que é o sentimento de pertencer ao grupo de dança que move o processo de interação entre as integrantes do grupo.

Tomamos o termo cultura a partir da concepção de Barth para pensar os corpos que dançam balé clássico e jazz, a partir da afirmação de que a cultura “é induzida nas pessoas por meio da experiência” e que é por meio desta que se dá o aprendizado, considerando a dança como uma construção cultural. Assim, o autor aponta caminhos para compreender as danças desenvolvidas pelo grupo como resultado de suas experiências cotidianas, bem como elas se apresentam de maneira diferente a depender das pessoas ou grupos de pessoas envolvidos no processo de aprendizado. Ademais, conforme Barth (2005, p. 17) “a cultura está em um estado de fluxo constante e que não devemos pensar os materiais culturais como tradições fixas no tempo que são transmitidas do passado, mas sim como algo que está basicamente em um estado de fluxo”.

A partir dessa reflexão sobre a cultura podemos considerar o balé clássico e o jazz como essa cultura em fluxo que em cada contexto procura se adaptar às novas realidades. No contexto pesquisado essas danças ganham contornos diferenciados apesar de manter a técnica esperado por cada dança. É a partir desse modo de conceber a cultura que podemos compreender como um grupo de adolescentes da periferia urbana adquire essa técnica de origem estrangeira e passa a se produzir e identificar-se através dela.

A partir da observação participante foi possível perceber que existe uma técnica para a produção do corpo percebida em cada exercício. As técnicas da dança são apreendidas através do movimento repetitivo e com exercícios para modelar o corpo que



dança. Para Mauss (2003, p. 407) “em todos esses elementos da arte de utilizar o corpo humano os fatos de educação predominam”. Todavia, para além de pensar a produção de corpos tomando como base apenas elementos de determinações sociais impostas por convenções sociais, torna-se imprescindível identificar as formas e estratégias utilizadas pelos sujeitos para manterem as diferenças culturais significativas na base de seus pertencimentos étnicos (POUTIGNAT e STREIFF-FENART, 1998). Nisso, entendemos a produção de corpos não como algo dissociado da sociedade, mas a produção de corpos como a produção de pessoas, de humanidades, de identidades, que não foge às diversas formas de relacionamento com as complexidades culturais e sociopolíticas do dia-a-dia.

### ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A pesquisa por ainda está na sua fase inicial e considerando o método empregado, demonstra apenas resultados parciais sobre seus objetivos. A dança é o modo pelo qual as colaboradoras produzem seus corpos e se identificam. Existe uma certa preocupação com o corpo no sentido de produzi-lo para a dança, bem como para que os de fora as identifique com corpos de bailarinas. Percebe-se a dedicação das adolescentes nos ensaios das coreografias, o esforço físico para que os movimentos sejam precisos. Os elementos étnicos estão presentes nas coreografias do tipo contemporânea que misturam diversos movimentos. Os corpos expressam os movimentos do balé clássico de origem europeia, do jazz de origem afro descendente e elementos da dança afro que tem relação direta com a religiosidade da cultura afro-brasileira.

**Palavras-chave:** Corpo. Dança. Etnicidade. Pertencimento Étnico.

### REFERÊNCIAS

BARTH, Fredrik. **O guru, o iniciadore outras variações antropológicas**. (Trad. John Cunha Comerford). Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2000.



BARTH, Fredrik. Etnicidade e o Conceito de Cultura. **Revista Antropolítica**, Niteroi, n. 19, p.15-30, 2005.

BARTH, F. Temáticas permanentes e emergentes na análise da etnicidade. In: VERMEULEN, Hans; GOVERS, Cora (Orgs.). **Antropologia da etnicidade: para além de Ethnic Groups and Boundaries**. Lisboa: Edições Lisboa, 2003.

CSORDAS, Thomas. **Corpo/significado/cura**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2008.

CUNHA, Manuela Carneiro da. Etnicidade: da cultura residual mais irreduzível. In: São Paulo: Cosac & Naify, 2009.

FRANKHAM, Jo; MACRAE, Christina. Etnografia. In: SOMEKH, Bridget e LEWIN, Cathy (Orgs.). **Teoria e método de pesquisa social**. Petropolis, RJ: Vozes, 2015.

HOFBAUER, Andreas. Raça, cultura, identidade e o “racismo à brasileira”. In: BARBOSA, L. M. de A; SILVA, P. B. G. e; SILVÉRIO, V. R. **De preto a afro-descendente**. São Carlos: EDUFSCar, 2010.

LE BRETON, David. **Antropologia do corpo de modernidade**. Petrópolis: Vozes, 2011.

MAUSS, Marcel. As técnicas do corpo. In: **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003. p. 399-422.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **Identidade, etnia e estrutura social**. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1976.

POUTIGNAT, P.; STREIFFE-FENART, Jocelyne. **Teorias da Etnicidade seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth**. 2. ed. São Paulo: UNESP, 1998.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Manuela se escreve entre aspas. In: LEPINE, Claude; HOFBAUER, Andreas; SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Manuela Carneiro da Cunha: O lugar da cultura e o papel da antropologia**. Rio de Janeiro: Beco do Azogue, 2011.